

Confluências Culturais

Revista Interdisciplinar

v. 15, n. 1: Arquitetura, museus e arquitetura de museus

O Museu de Artes e Ofícios de Belo Horizonte, Minas Gerais: da preservação do patrimônio arquitetônico industrial e ferroviário à sustentabilidade cultural

The Museum of Arts and Crafts of Belo Horizonte, Minas Gerais, Brazil: from the preservation of industrial and railway architectural heritage to cultural sustainability

El Museo de Artes y Oficios de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil: de la preservación del patrimonio arquitectónico industrial y ferroviario a la sostenibilidad cultural

Ronaldo André Rodrigues da Silva¹

Recebido em: 30 ago. 2025

Aceito para publicação em: 9 nov. 2025

¹ Professor adjunto II da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Doutor em História e Patrimônio pela Universidade do Minho (Portugal), apostilado com título de doutor em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mestre em Administração pela UFMG, máster em Conservación y Restauración del Patrimonio Arquitectónico y Urbano pela Escuela Técnica Superior em Arquitectura de Madrid, Universidad Politécnica de Madrid (Espanha), bacharel em Engenharia Elétrica com Ênfase em Sistemas Eletrônicos pela PUC Minas e bacharel em Administração, bacharel em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis e bacharel em Museologia pela UFMG. E-mail: ronaldoandre@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0656-8671>.

Resumo: O Museu de Artes e Ofícios (MAO), localizado na antiga Estação Ferroviária Central de Belo Horizonte (Minas Gerais, Brasil), constitui-se em um complexo arquitetônico urbano considerado um exemplo de preservação do patrimônio arquitetônico industrial segundo perspectivas museísticas. Articulado com os princípios da sustentabilidade cultural, o museu representa uma iniciativa de valorização cultural e patrimonial das práticas do mundo do trabalho e dos saberes tradicionais que determinaram a história do Brasil. Instalado em um espaço originalmente destinado à circulação ferroviária – atividade essencial ao processo de industrialização brasileira –, seu acervo reúne mais de 2 mil peças relacionadas a ofícios urbanos e rurais dos séculos XVIII ao XX, o que proporciona uma experiência educativa e sensorial aos visitantes e uma compreensão da evolução das tecnologias, dos modos de produção e da cultura material e imaterial associada ao trabalho. Esta proposta adota uma abordagem interdisciplinar, relacionando os conceitos de patrimônio industrial, práticas museológicas contemporâneas e políticas de sustentabilidade cultural. Por meio de análise documental, levantamento histórico e observação das práticas curatoriais, examina-se como o museu contribui para a preservação da memória social e para a inclusão de comunidades historicamente marginalizadas. A reutilização adaptativa dos edifícios e da infraestrutura ferroviária integra-se à rede de mobilidade urbana e reforça o papel do museu como equipamento cultural ativo e multifuncional. Além de preservar a materialidade e imaterialidade do trabalho, o MAO oferece experiências educativas, ateliês, exposições e eventos que promovem o fortalecimento da identidade local e o acesso democrático à cultura. Pretende-se discutir, ainda, a importância das políticas públicas de proteção ao patrimônio industrial e as implicações sociais e urbanas da reabilitação de espaços obsoletos. Observa-se que o caso do MAO constitui uma prática sustentável de conservação da arquitetura industrial e de preservação do patrimônio, fato que contribui significativamente para a revitalização urbana, o desenvolvimento cultural, a integração e identidade social por meio do mundo do trabalho.

Palavras-chave: arquitetura ferroviária; inclusão social; museus industriais; patrimônio industrial; sustentabilidade cultural.

Abstract: The Museum of Arts and Crafts (MAO), located in the former Central Railway Station of Belo Horizonte (Minas Gerais, Brazil), is an urban architectural complex regarded as a paradigmatic example of industrial architectural heritage preservation from a museological perspective. Articulated with the principles of cultural sustainability, the museum represents an initiative to valorise cultural and heritage practices of the world of work and traditional knowledge that have shaped the history of Brazil. Housed in a space originally designed for railway circulation—an activity essential to the Brazilian industrialization process—the MAO presents a collection of more than two thousand pieces related to urban and rural trades from the XVIII to the XX centuries. This museological approach provides visitors with an educational and sensory experience that allows them to understand the evolution of technologies, production methods, and the material and immaterial culture associated with labour. The study adopted an interdisciplinary approach, linking concepts of industrial heritage, contemporary museological practices, and cultural sustainability policies. Through documentary analysis, historical research, and observation of curatorial practices, it examined how the museum contributes to the preservation of social memory and the inclusion of historically marginalized communities. Furthermore, the adaptive reuse of buildings and railway infrastructure integrates with the urban mobility network and reinforces the museum's role as an active and multifunctional cultural facility. In addition to preserving both the tangible and intangible dimensions of labour, the MAO promotes educational

experiences, workshops, exhibitions, and events that strengthen local identity and foster democratic access to culture. The analysis also highlighted the importance of public policies for the protection of industrial heritage and the social and urban implications of rehabilitating obsolete spaces. In conclusion, the case of MAO stands as a sustainable practice of industrial architecture conservation and heritage preservation, significantly contributing to urban revitalization, cultural development, and social identity and integration through the world of work.

Keywords: railway architecture; social inclusion; industrial museums; industrial heritage; cultural sustainability.

Resumen: El Museo de Artes y Oficios (MAO), situado en la antigua Estación Ferroviaria Central de Belo Horizonte (Minas Gerais, Brasil), constituye un complejo arquitectónico urbano considerado un ejemplo paradigmático de preservación del patrimonio arquitectónico industrial desde perspectivas museológicas. Articulado con los principios de la sostenibilidad cultural, el museo representa una iniciativa de valorización cultural y patrimonial de las prácticas del mundo del trabajo y de los saberes tradicionales que han configurado la historia de Brasil. Ubicado en un espacio originalmente destinado a la circulación ferroviaria —actividad esencial en el proceso de industrialización brasileña—, el MAO presenta una colección superior a dos mil piezas relacionadas con oficios urbanos y rurales de los siglos XVIII al XX. Esa propuesta museológica ofrece al visitante una experiencia educativa y sensorial que permite comprender la evolución de las tecnologías, los modos de producción y la cultura material e inmaterial vinculada al trabajo. El estudio adoptó un enfoque interdisciplinar, estableciendo relaciones entre patrimonio industrial, prácticas museológicas contemporáneas y políticas de sostenibilidad cultural. Por medio de análisis documental, investigación histórica y observación de prácticas curatoriales, se examinó cómo el museo contribuye a la preservación de la memoria social y a la inclusión de comunidades históricamente marginadas. Asimismo, la reutilización adaptativa de edificios e infraestructuras ferroviarias se integra en la red de movilidad urbana, reforzando el papel del museo como equipamiento cultural activo y multifuncional. Además de conservar la materialidad e inmaterialidad del trabajo, el MAO promueve experiencias educativas, talleres, exposiciones y eventos que fortalecen la identidad local y favorecen el acceso democrático a la cultura. La investigación subraya la importancia de las políticas públicas de protección del patrimonio industrial y las implicaciones sociales y urbanas derivadas de la rehabilitación de espacios obsoletos. En conclusión, el caso del MAO se configura como una práctica sostenible de conservación de la arquitectura industrial y de preservación del patrimonio que contribuye significativamente a la revitalización urbana, al desarrollo cultural y a la integración e identidad social mediante el mundo del trabajo.

Palabras clave: arquitectura ferroviaria; inclusión social; museos industriales; patrimonio industrial; sostenibilidad cultural.

INTRODUÇÃO

Este artigo analisa a trajetória do Museu de Artes e Ofícios (MAO), em Belo Horizonte (MG, Brasil), articulando museologia, preservação do patrimônio industrial e sustentabilidade cultural. A convergência entre patrimônio industrial e sustentabilidade cultural pode ser examinada sob três dimensões: o contexto histórico e arquitetônico, pela preservação da estrutura original da estação onde se localiza, com manutenção e adaptação dos elementos da malha ferroviária em função do novo caráter museológico,

sem perda de sua identidade simbólica; as práticas curatoriais e educativas, com a adoção de um modelo participativo e inclusivo, que envolve a comunidade na mediação do acervo e na coprodução de narrativas sobre o mundo do trabalho; e os impactos sociais e urbanos, com efetiva avaliação de como a reabilitação urbana contribui para dinamizar o entorno, promovendo mobilidade cultural e novos usos urbanos.

Ao reunir mais de duas mil peças de ofícios urbanos e rurais dos séculos XVIII ao XX, o MAO oferece uma experiência sensorial e formativa que permite ao visitante compreender a evolução tecnológica, os modos de produção e a cultura material e imaterial associada ao universo do trabalho. Essa experiência favorece a sustentabilidade cultural ao garantir a transmissão intergeracional de saberes, reforçando o respeito à diversidade e o fortalecimento da memória social. Parte-se, assim, da hipótese de que o museu, ao reutilizar de maneira adaptativa a antiga Estação Ferroviária Central, não apenas reabilita um edifício histórico, mas se firma como plataforma cultural integradora de valores históricos, sociais e educativos. Propõe-se, ainda, a atuar em duas frentes complementares: preservação física, por meio da manutenção de materiais originais (estruturas metálicas, revestimentos e *layout*); e incorporação de tecnologias de climatização e acessibilidade, afora sua incorporação funcional pela transformação do espaço ferroviário em salas de exposição, oficinas e auditório, articulando mobilidade urbana (pela linha de metrô de superfície que passa pelo trajeto da linha ferroviária) e equipamentos culturais.

Esse modelo exemplifica uma gestão patrimonial sustentável, pois alia conservação material e inserção ativa na vida contemporânea. Nesse contexto, além de abrigar exposições permanentes, o museu promove oficinas, mostras temporárias e programas educativos destinados a públicos diversos, democratizando o acesso à cultura e fortalecendo a identidade local. O resgate de ofícios tradicionais – por vezes esquecidos ou marginalizados – reforça o papel da cultura como vetor de desenvolvimento social, legitimando conhecimentos populares e ampliando a participação comunitária. Assim, a multiplicidade de ações desenvolvidas pelo MAO consolida-o como agente cultural dinâmico, capaz de gerar impacto social e estimular o protagonismo da comunidade.

Por fim, o estudo do MAO indica caminhos para replicabilidade em outras instâncias: a combinação entre reabilitação arquitetônica, curadoria participativa e práticas educativas pode ser adaptada a antigas instalações industriais em processo de obsolescência. Em tempos de homogeneização cultural e desafios socioeconômicos, iniciativas semelhantes revelam o potencial do patrimônio industrial para revitalizar espaços, ressaltar a memória coletiva e impulsionar o desenvolvimento social e cultural das cidades.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: PATRIMÔNIO INDUSTRIAL E SUSTENTABILIDADE CULTURAL

O conceito de patrimônio industrial surgiu na segunda metade do século XX como uma resposta à necessidade de proteger vestígios da Revolução Industrial e seus desdobramentos sociais e culturais. Conforme definido pela Carta de Nizhny Tagil, aprovada pelo The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage (TICCIH) em 2003, patrimônio industrial compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitetônico ou científico. Isso inclui edifícios, estruturas, máquinas, oficinas, moinhos, depósitos, locais de extração de recursos naturais, bem como os conhecimentos e documentos associados aos processos de produção (TICCIH, 2003).

No Brasil, a noção de patrimônio industrial ainda enfrenta desafios de reconhecimento institucional e de difusão social, embora importantes avanços tenham sido observados a partir de iniciativas de mapeamento, tombamento e reutilização de sítios industriais (Rodrigues da Silva, 2019). A preservação do patrimônio industrial brasileiro exige atenção com relação não apenas às estruturas físicas, mas também às práticas culturais, à memória do trabalho e aos saberes tradicionais vinculados à produção artesanal e fabril.

No que concerne ao patrimônio cultural e industrial ferroviário nacional, tem-se como marco jurídico significativo a Lei n.º 11.483/2007, que dispõe acerca da destinação dos bens da extinta Rede Ferroviária Federal S.A. (RFFSA) e confere à União a responsabilidade pela salvaguarda de edificações, acervos documentais e artefatos técnicos que compõem o legado das ferrovias do país. Entretanto, decorridos quase 20 anos desde a criação da lei, a preservação do patrimônio ferroviário brasileiro mantém-se indefinida, de modo que os usos e atribuições de guarda passam por um campo de disputas entre os entes federativos. Assim, a memória ferroviária e a preservação de seus conjuntos passam por questões que abrangem desde o planejamento e a requalificação urbanos até modelos contemporâneos de uso e gestão do patrimônio cultural. Nesse campo, percebem-se imbróglis jurídicos e legislativos que evidenciam as disfunções estruturais em relação à gestão do patrimônio ferroviário, o que escancara a falta de articulação entre as distintas esferas governamentais. Verificam-se também a descontinuidade de investimentos em recuperação, preservação, restauro e destinação dos conjuntos e a dificuldade de integração entre políticas sociais, culturais e de conservação da memória e da história ferroviárias.

A despeito de tal situação, há esforços de manutenção e uso desses conjuntos patrimoniais que se encontram amparados pelo conceito de sustentabilidade cultural, a qual se define segundo três pilares em relação ao escopo da sustentabilidade clássica: ambiental, social e econômica. Ao incorporar a dimensão simbólica e identitária das comunidades, segundo Hawkes (2001), a cultura pode ser compreendida como um quarto pilar, que oferece os elementos de referência para o desenvolvimento humano e a coesão social. Pressupõem-se, dessa forma, a continuidade das expressões culturais, o fortalecimento da diversidade e a valorização dos patrimônios tangíveis e intangíveis.

Nessa perspectiva, museus e instituições culturais desempenham papel central na articulação entre patrimônio e sustentabilidade, ao promoverem o acesso à cultura, à educação patrimonial, à transmissão de saberes intergeracionais e o envolvimento das comunidades em processos de gestão e salvaguarda dos bens culturais. Já se tem documentado que museus instalados em espaços industriais reabilitados operam como vetores dessa articulação, ao mesmo tempo em que reforçam os vínculos entre identidade local, memória social e inovação cultural (Feliú-Torras, 2001).

A conexão entre patrimônio industrial e sustentabilidade cultural, portanto, não é apenas conceitual, mas prática e estratégica. Ela permite que a preservação dos bens industriais, por meio dos museus relacionados à memória e à história do trabalho, favoreça uma imersão de diferentes públicos. Isso se dá não somente em termos da contemplação estética ou da conservação técnica dos elementos e coleções do patrimônio móvel, mas também em termos de um papel ativo na transformação social e urbana, na valorização da história social e do trabalho, afora a busca e a promoção de uma sustentabilidade social, econômica e cultural (Rodrigues da Silva, 2022).

Por esse ponto de vista, pode-se avaliar uma interpretação positiva do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), órgão federal de preservação do patrimônio cultural. Por meio da Portaria n.º 407/2010 (Brasil, 2010), que instituiu a Lista do Patrimônio Cultural Ferroviário, aprofundou-se a necessidade de ampliar

estudos técnicos em prol da identificação, proteção e gestão dos bens vinculados à antiga RFFSA. Ao estabelecer parâmetros de autenticidade, critérios de intervenção e diretrizes para compatibilizar usos contemporâneos, observa-se uma preocupação em relação à integridade arquitetônica e tecnológica das estruturas ferroviárias, além da busca por transformar os desafios recorrentes no campo da preservação cultural em propostas inseridas nos diferentes contextos urbanos. Assim, essa portaria, que opera como uma referência normativa, permite o desenvolvimento de projetos e práticas efetivas de reutilização dos conjuntos e seus elementos de composição no sentido de oferecer alternativas à manutenção, ao uso e à renovação dos complexos ferroviários. A ver pelas diretrizes propostas pelo órgão federal, tem-se um desdobramento de possibilidades de valorização e preservação dos conjuntos, além da mitigação da vulnerabilidade dos bens diante de uma série de fatores: expansão de sistemas de ocupação e requalificação urbanas, obras viárias e pressões políticas, econômicas e de especulação imobiliária.

Com isso, tem-se a transformação do conjunto patrimonial ferroviário e industrial em equipamento cultural-museístico, de modo a proporcionar uma reutilização aos espaços considerados desindustrializados e ao mesmo tempo uma rememoração de suas atividades originais. Dessa maneira, os espaços ferroviários podem ser considerados paisagens históricas de produção, pois trazem consigo a conjunção de espaços físicos (complexos ferroviários) e culturais (desenvolvimento socioeconômico). A convergência entre a sustentabilidade do espaço, por seu reuso cultural, e a capacidade de proporcionar a continuidade de sua representação social e econômica leva a construir uma interação espaço-sociedade que permite interação múltipla entre o ser humano e o ambiente, entre a atividade produtiva e a atividade cultural, e a representação de diferentes âmbitos, desde o testemunho histórico-social até o técnico-econômico (Simal, 2024).

Para Kühl (2018), a preservação de patrimônios segundo a sua diversidade, em especial o patrimônio industrial, deve ser entendida como uma prática interdisciplinar, na qual a arquitetura e a história, acrescidas à museologia e às políticas culturais, permitem a construção de uma articulação de saberes que apresenta uma ampliação da diversidade de sentidos em relação aos bens patrimoniais. No caso da arquitetura industrial convertida em museus, a abordagem adaptativa ressalta a necessidade de adotar metodologias críticas, fundamentadas em conhecimentos interdisciplinares e em experiências locais, que permitam equilibrar conservação, inovação e participação social. Dessa forma, ampliam-se os horizontes para o estudo da arquitetura industrial e são fortalecidos o diálogo entre teoria e prática e o campo da sustentabilidade e diversidade cultural e patrimonial.

Nesse domínio, visa-se a uma crescente valorização do patrimônio cultural, especialmente em sua dimensão industrial, visto que reflete uma mudança significativa na forma como a sociedade contemporânea compreende e administra sua herança material e imaterial. O patrimônio industrial, historicamente marginalizado nos discursos patrimoniais tradicionais, passou a ser reconhecido não apenas por seu valor histórico e técnico, mas também por seu potencial educativo, simbólico e identitário (Rodrigues da Silva; Lopes Cordeiro, 2017).

O MUSEU DE ARTES E OFÍCIOS DE BELO HORIZONTE: HISTÓRIA, ARQUITETURA E IMPLANTAÇÃO

O Museu de Artes e Ofícios (MAO), inaugurado em dezembro de 2005, encontra-se inserido no Conjunto Paisagístico e Arquitetônico da Praça Rui Barbosa (conhecida como Praça da Estação) e compõe-se pelo edifício da Estação Central da Estrada de Ferro

Central do Brasil (EFCB) e o edifício da Rede Mineira de Viação (RMV), pertencentes a duas ferrovias que definiram o complexo ferroviário como ponto focal histórico do desenvolvimento social-econômico da cidade de Belo Horizonte, tornada capital do estado de Minas Gerais em 1897. As construções são exemplares significativos da arquitetura eclética do início do século XX, anos 1920, e são consideradas um elemento decisivo para o desenvolvimento da recém-inaugurada capital naquela virada de século (IEPHA/MG, 2014).

O museu está localizado na citada Praça da Estação, região central da cidade, e sua posição estratégica encontra-se vinculada à integração do sistema de mobilidade urbana de Belo Horizonte. Cabe salientar que o edifício foi totalmente restaurado antes de seu reuso e adaptação para abrigar o museu inclusive, porque parte do complexo ferroviário antigo deu lugar à atual Estação Central do metrô de superfície da cidade – e nesse setor se encontra parte da exposição de longa duração da coleção do ofício relacionado a alambiques (figura 1).

Figura 1 – Exposição permanente do Museu de Artes e Ofícios (plataforma secundária da Estação Central do metrô)



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2010)

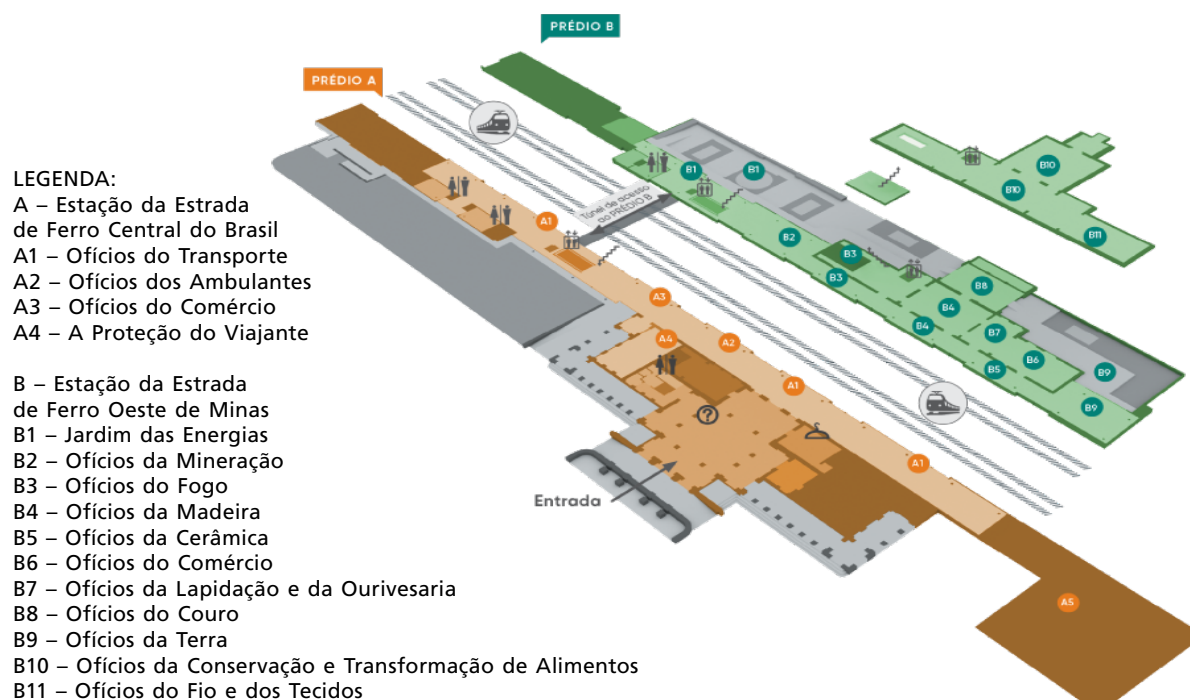
A necessidade de ampliar as instalações e a preocupação com a acessibilidade fizeram com que o museu se integrasse à malha de transporte coletivo da cidade, permitindo uma relação direta entre os sistemas de transporte de passageiros e de cargas e o de educação cultural. Assim, sua localização reforça um papel simbólico e funcional como porta de convergência entre o passado ferroviário e a contemporaneidade e permite uma integração de funções no bojo da paisagem urbana.

Deve-se destacar, ainda, a preocupação central em relação aos processos de conservação, restauração e preservação das características arquitetônicas originais dos prédios e a proposta de integração de elementos contemporâneos à função museológica. O processo de implantação insere-se segundo uma lógica de reutilização adaptativa de estruturas industriais e ferroviárias que se tornaram obsoletas em função dos processos de desindustrialização e, no caso brasileiro, da reconfiguração dos sistemas de transporte urbano ocorrida nos anos 1960-1970. Nesse contexto, o projeto exemplifica

uma estratégia de revitalização patrimonial que alia a preservação de um bem histórico à requalificação do espaço público e também à criação de um equipamento cultural acessível e inclusivo.

Uma descrição de suas instalações pode ser feita com base na ocupação dos edifícios anteriormente citados, pela qual os antigos prédios de passageiros e o armazém de cargas foram reunidos, formando um complexo de mais de 9.000 m², com salas de exposição permanente, espaço para exposições temporárias, auditório, loja, cafeteria, áreas técnicas e setor educativo. O acervo do museu reúne mais de 2 mil peças relacionadas aos ofícios urbanos e rurais, abrangendo ferramentas, equipamentos e máquinas, utensílios, vestimentas e representações iconográficas do universo do trabalho entre os séculos XVIII e XX. Os espaços ocupados estão divididos em grandes grupos que relacionam os ofícios às principais áreas do mundo do fazer humano conforme as características regionais, o que é apresentado pela figura 2, a seguir.

Figura 2 – Croquis das exposições, por prédio



Fonte: MAO (2019, p. 30)

Entre os ambientes que compõem o museu, tem-se o Espaço de Eficiência Energética (anexo ao espaço A1), que apresenta uma cronologia evolutiva acerca da energia e da sustentabilidade e permite observar a conexão entre passado, presente e futuro do campo do conhecimento da energia elétrica. Desde os primeiros equipamentos até os relacionados, contemporaneamente, às fontes limpas de energia e às tecnologias inovadoras, o ambiente apresenta experiências interativas e lúdicas para disseminação do conhecimento sobre energia e sustentabilidade, tais como os conceitos de física prática, demonstrados pelo gerador de Van de Graaff (para arrepiar os cabelos) e pela esfera de plasma (para conduzir energia). Assim, logo à chegada desse ambiente, existe a oportunidade de participar ativamente da visitação e viver experiências práticas. O planejamento expográfico visa, pois, à conscientização e à reflexão sobre o uso da energia e a adoção de práticas sustentáveis e como essas ações impactam o trabalho e a vida de maneira geral ao longo da história.

De um espaço a outro, observa-se que a concepção do museu se orienta por uma proposta museológica que valoriza o trabalho humano como elemento estruturante da formação histórica e cultural do Brasil, com ênfase na contribuição de trabalhadores anônimos, saberes populares e técnicas artesanais frequentemente excluídas dos discursos museológicos hegemônicos. Permite, também, uma imersão e uma integração que buscam oferecer aos visitantes uma postura crítica e inclusiva, de modo a promover a diversidade cultural e o reconhecimento da pluralidade de experiências no campo do trabalho. Tal proposta se expressa não apenas na organização do acervo, mas também nas ações educativas, na mediação cultural, na comunicação visual e nas atividades temporárias promovidas pela instituição. Ao articular patrimônio, educação e inclusão social, o MAO consolida-se como referência na museologia brasileira contemporânea e como exemplo de boa prática na gestão sustentável de sítios de valor histórico e simbólico.

PRÁTICAS MUSEOLÓGICAS, EDUCATIVAS E DE MEDIAÇÃO CULTURAL

A proposta museológica do MAO vai além da simples exibição de objetos: ela busca promover a imersão sensorial e cognitiva no universo do trabalho, despertando nos visitantes reflexões sobre o valor social, histórico e simbólico das práticas laborais. Por isso, a museografia é organizada de forma a permitir a leitura cronológica e temática do acervo, destacando a diversidade dos ofícios e a evolução das técnicas ao longo dos séculos XVIII, XIX e XX.

Nesse cenário, o acervo do MAO abrange instrumentos, máquinas, vestimentas e representações simbólicas de diversas atividades produtivas, como marcenaria, tipografia, mineração e agricultura, além de ofícios considerados femininos. A curadoria procura reconstruir o cotidiano do trabalhador, suas práticas e saberes, conectando-os à história econômica e social do Brasil. Ressalta-se que a exposição permanente do museu oferece uma perspectiva abrangente de representação de diferentes setores do trabalho urbano e rural, como agricultura, mineração, carpintaria, tipografia, culinária e costura. Cada módulo apresenta objetos, ambientações e recursos audiovisuais informativos que ajudam a contextualizar os usos, os saberes, os signos e significados de cada ofício. Ademais, há também espaço para experiências com maior interação com o público visitante, de modo que se possam conhecer as etapas e atividades específicas de cada ofício, além de uma sala interativa voltada para o setor da eletricidade e do eletromagnetismo, bem como para o campo da tecnologia da informação.

Para operacionalizar as ações relacionadas ao setor de educação do museu, diferentes atividades são desenvolvidas para grupos específicos, as quais são realizadas por profissionais especialistas e funcionários que propiciam informação e formação em diferentes ambientes, seja nas dependências do MAO ou mesmo em escolas e instituições de interesse. Somam-se a isso atividades de cunho eminentemente cultural e integradas às rotinas da sociedade civil, como “trem de férias” (com atividades lúdicas ocorridas no museu), “trem da folia” (atividades relacionadas às festividades de Carnaval), “trem caipira” (em comemoração à cultura agrícola do estado e seus períodos de plantação e colheita, suas etapas, uso de equipamentos e profissionais envolvidos) e “Uailloween” (relacionado ao acultramento do Halloween) (MAO, 2024).

Além disso, para que haja construção e divulgação de um conhecimento continuado, com vistas à formação educacional e à cidadania, o museu desenvolve materiais didáticos que permitem compreender a gênese e os objetivos da instituição em favor da promoção da educação patrimonial. Há, ainda, a distribuição desses materiais

às bibliotecas das escolas públicas, especialmente, e a complementação por meio da promoção de visitas técnicas. Tudo isso vem sendo aprimorado na busca da formação cidadã para um conjunto expressivo de crianças, jovens e adultos. A seguir, destaca-se parte desse material, apresentada nas figuras 3 e 4.

Figura 3 – Cadernos de ofícios (MAO, 2008)



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2010)

Figura 4 – Materiais de divulgação e educação patrimonial



Fonte: Arquivo pessoal do autor

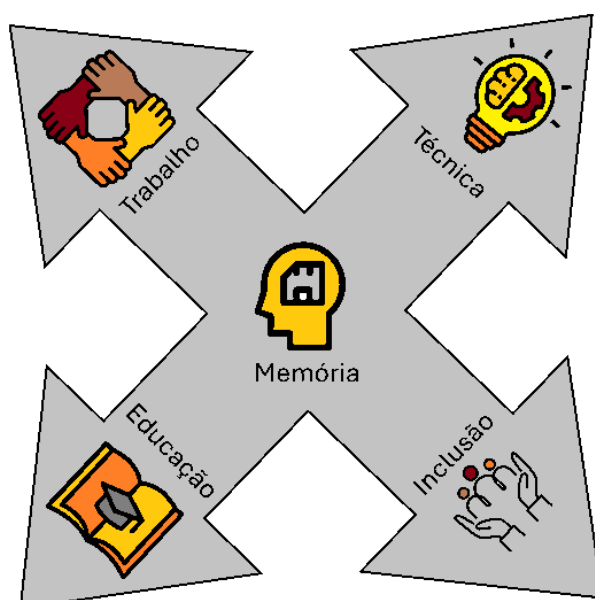
Com isso, assinala-se que um dos aspectos importantes da atuação educativa do museu se relaciona ao incentivo e à valorização dos saberes tradicionais, novas culturas e manifestações artísticas. O MAO promove encontros com mestres artesãos, rodas de conversa, vivências e exposições temporárias que procuram reconhecer a difusão das práticas culturais oriundas de comunidades urbanas e rurais de Minas Gerais. Essas ações contribuem para a transmissão intergeracional do conhecimento e para o fortalecimento da identidade cultural local.

Diálogos com a comunidade

Na apresentação institucional pela *internet*, o MAO sinaliza que o trabalhador mineiro-brasileiro (quijá mundial) é convidado a se ver em suas dependências, ver sua história e entender o seu tempo. No entanto a relação da instituição com a sociedade vai além e transparece por meio de uma proposta expositiva vinculada a oficinas de transmissão de saberes, programas educativos e ações de mediação cultural que envolvem escolas, coletivos e instituições sociais. Nesse contexto, o setor educativo desenvolve uma programação contínua de oficinas, visitas mediadas, ações de inclusão social e projetos interinstitucionais. Um dos objetivos principais consiste em integrar o museu à sociedade, especialmente aos públicos escolares, grupos de jovens, idosos, pessoas com deficiência e populações em situação de vulnerabilidade. Com isso, as visitas são adaptadas a diferentes perfis, com metodologias participativas que valorizam a escuta, o diálogo e a construção coletiva de sentidos.

Dessa maneira, pode-se desenvolver um mapa conceitual das propostas de ação e dos objetivos da educação museal promovida pelo MAO, pela qual se vislumbra uma relação direta entre a memória do trabalho, suas técnicas e tecnologias e, como contrapartida, a educação patrimonial reforçada pelo aspecto da inclusão, como mostrado na figura 5.

Figura 5 – Mapa conceitual dos eixos curatoriais do MAO



Fonte: Primária (2025)

Assim, o desdobramento dos princípios curatoriais quanto aos diferentes ofícios apresentados nas coleções e objetos é pensado em resposta às diversas linguagens ali presentes, tendo na comunicação museológica um meio de desempenhar um papel essencial nas estratégias de mediação cultural. Encontram-se exemplos significativos desse processo de comunicação na sinalização trilingue (português, inglês e espanhol) por todas as instalações, além dos materiais gráficos acessíveis e os dispositivos de acessibilidade física e sensorial (como piso tátil, vídeos em libras e audioguias), que fazem parte dos esforços para democratizar o acesso à cultura e garantir uma experiência inclusiva e acolhedora à diversidade de público do museu.

As características concernentes ao tema da educação patrimonial – especialmente na educação básica, seja de crianças, jovens ou adultos – implicam uma cultura de divulgação, inclusão e desenvolvimento da denominada “cidadania patrimonial”. Consequentemente, a ampliação e a inclusão de disciplinas de conteúdo humanístico e de caráter global no ensino formal permitem a formação de uma consciência mais ampla acerca dos elementos patrimoniais de conservação e preservação não somente do patrimônio cultural, mas também de uma memória e de uma identidade (Rodrigues da Silva, 2014).

Com essas práticas, consolidam-se os objetivos do museu em se constituir um espaço de educação patrimonial, de convivência cidadã e de inovação museológica, de forma a promover a articulação entre memória, trabalho e transformação social. O museu assume, assim, uma função pedagógica e social ampliada, na qual o patrimônio industrial deixa de ser apenas um objeto de contemplação para tornar-se instrumento de diálogo, reconhecimento e pertencimento.

IMPACTOS SOCIAIS, CULTURAIS E URBANOS DO MUSEU DE ARTES E OFÍCIOS

No plano social, o museu exerce papel relevante na promoção da cidadania e na democratização do acesso à cultura. Seus programas educativos e ações de mediação incluem segmentos da população com acesso historicamente limitado aos bens culturais, promovendo a inclusão social por meio da valorização dos saberes populares e da história do trabalho, aliados ao conhecimento acadêmico. A relação com escolas públicas, instituições comunitárias e movimentos culturais locais fortalece os vínculos entre a instituição e a cidade, gerando pertencimento e engajamento coletivo.

Do ponto de vista cultural, o museu contribui para a salvaguarda de patrimônios materiais e imateriais associados ao mundo do trabalho. Ao reunir, conservar e interpretar um acervo que representa a diversidade dos ofícios e das práticas produtivas no Brasil, o MAO promove a memória coletiva e reconhece o valor das contribuições de trabalhadores e trabalhadoras anônimos para o desenvolvimento do país. Esse reconhecimento traduz-se em exposições temáticas, publicações, eventos e ações educativas que alimentam o debate sobre identidade cultural e justiça social.

Por intermédio deste estudo, é possível afirmar que a atuação do MAO como instituição cultural transcende a esfera museológica e impacta diretamente o território em que está inserido, configurando-se também como um agente de transformação urbana. A ocupação qualificada da antiga Estação Ferroviária Central contribuiu para a revitalização do entorno da Praça da Estação, tradicional ponto de encontro da cidade que, até então, sofria com degradação urbana e exclusão social. O museu passou a atrair

novos fluxos de visitantes, ampliando a presença cidadã no centro histórico e incentivando a revalorização do patrimônio edificado da região. A reutilização adaptativa da estação ferroviária permitiu sua revalorização edilícia enquanto bem cultural e sua integração a novos usos, todavia preservando suas características originais e ampliando sua função sociocultural. Segundo Choay (2001), a reutilização adaptativa é uma das formas mais eficazes de salvaguardar edifícios patrimoniais, pois os insere na vida cotidiana da cidade.

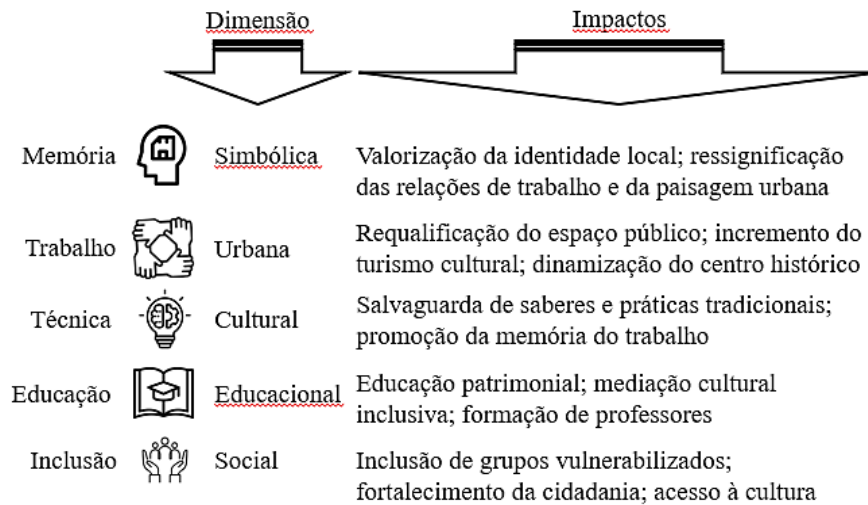
Inserção urbana e multifuncionalidade

Especificamente em termos urbanos, a presença do MAO configura um vetor de dinamização do espaço público. Sua localização estratégica junto à Estação Central do metrô e ao circuito cultural da Praça da Estação potencializa o uso dos equipamentos culturais da região e estimula o turismo patrimonial. Nesse sentido, o museu atua como núcleo cultural no centro de Belo Horizonte, impactando positivamente o entorno com atividades artísticas, educativas e turísticas. Uma proposta de resignificação no âmbito do patrimônio industrial traz consigo uma metodologia de planejamento territorial que pode ser extrapolada aos usos dos diversos espaços (territórios) definidos para o MAO. A visualização da complexidade de seu acervo e de suas coleções define diferentes dimensões a serem apreendidas e aplicadas às atividades desenvolvidas para os múltiplos públicos ali atendidos.

Em vista disso, a proposta metodológica, denominada polissemia territorial, traz impactos às políticas de desenvolvimento do museu, assim como às maneiras de interação com seus públicos. É possível apresentar a seguir algumas dimensões de tal abrangência, segundo Martín (2005):

- **Signos/símbolos:** uma análise geral das relações de identificação e identidade entre os públicos e as coleções, assim como entre o próprio museu e seu entorno. Coexistem signos físicos (arquitetura, coleções e objetos), textuais e visuais, mas também emocionais e afetivos;
- **Contextos:** definidos pelos diferentes ambientes resignificados no museu, sejam associados às coleções e objetos, sejam ligados à própria estrutura e aos vínculos com públicos direta e indiretamente relacionados ao museu;
- **Metafóricos:** condicionados às interpretações e fatores ligados às histórias, memórias e significados das coleções e objetos em relação às identidades e identificações percebidas pelos diferentes públicos;
- **Significados:** dizem respeito às relações com os usos e objetivos dos espaços edificados (de originais a atuais), bem como às interpretações dos públicos, desde a observação até a interação e identificação (e de si e do outro, do trabalho e dos trabalhadores). Dessa feita, relações são estabelecidas mediante a percepção e estímulos em relação aos diferentes períodos históricos, sociais e político-econômicos expressos em seus espaços museais.

Com isso, observa-se que as múltiplas atividades desenvolvidas no museu apresentam dimensões complementares as quais permitem uma análise diferenciada entre as suas propostas e os impactos observados nos seus diferenciados públicos. Uma maneira mais direta de percepção dessas relações está apresentada na figura 6.

Figura 6 – Relações entre conceitos-dimensões-impactos no MAO


Fonte: Primária (2025)

Além dos aspectos apresentados, pode-se afirmar que o museu também exerce um papel importante na articulação com outros atores institucionais e culturais ao integrar redes de cooperação e programas de valorização da memória urbana. Ao reforçar a criação de vínculos entre público, acervo e espaço museológico, reforça relações sociais (de educação e inclusão) implicadas com suas coleções e objetos (da cultura técnica e da tecnologia). Também prima pela busca de incorporação do urbano aos símbolos que se apresentam em sua gênese, criando um elo entre a história da nova capital mineira com a contemporaneidade. A programação contínua oferece maior acesso e visa democratizar a cultura para a sociedade em geral, estimulando o envolvimento da população. Dessarte, um aspecto a ser considerado de maneira especial compreende a inclusão de ações relacionadas aos grupos vulneráveis da sociedade (em termos de discriminação social, racial ou sexual).

Seja por meio do acesso gratuito às instalações do museu, seja por meio de oficinas, palestras e atividades educacionais lúdicas (com educadores, mestres artesãos e outros), os saberes tradicionais são apresentados, repassados e experienciados. Cabe salientar a importância de contar com um setor educativo no museu, pelo qual se desenvolve uma mediação especializada, de maneira a conferir maior legitimidade às ações. Oferece-se um leque de informação, formação e ação inclusiva por meio das práticas culturais que reverberam nos mais diversos circuitos de atividades institucionais da capital mineira, do estado de Minas Gerais e até do país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar uma análise global do caso do MAO, evidenciam-se diferentes ações e atividades museológicas com potencial transformador e que o caracterizam como um museu de base comunitária e comprometido com a preservação. As relações atinentes às atividades do mundo do trabalho e aos conceitos de patrimônio industrial conferem uma multidisciplinaridade que tem por eixos as questões social e cultural, além da promoção da cidadania, de maneira articulada e segundo os princípios da sustentabilidade cultural (Hawkes, 2001). Pela dinâmica do museu, demonstra-se possível conservar o patrimônio edificado e difundir os saberes tradicionais sem dissociá-los de suas funções sociais,

educativas e simbólicas, reafirmando o papel de uma museologia engajada, acessível e comprometida com a diversidade cultural.

Ademais, o MAO representa uma proposta bem-sucedida que inter-relaciona patrimônio industrial, inclusão social e sustentabilidade cultural. Sua trajetória demonstra como é possível transformar espaços obsoletos em equipamentos culturais vivos, multifuncionais e inclusivos, valorizando as memórias do trabalho e as práticas culturais locais. O panorama museal aqui delineado dá visão a questões sociais e de relação com as políticas públicas voltadas não somente à preservação e à reutilização do patrimônio industrial, mas à educação e à formação dos princípios de cidadania em contextos urbanos latino-americanos.

Sua implantação em uma antiga estação ferroviária representa um exemplo notório de reutilização adaptativa, no qual o passado industrial é ressignificado por meio de narrativas inclusivas, estratégias participativas e práticas museológicas inovadoras. À luz de Ibáñez (2021, p. 310), é possível traçar um paralelo entre conventos e patrimônio industrial, a fim de avaliar as questões ora apresentadas:

El patrimonio material e inmaterial, mueble e inmueble, supone, en su conjunto, una herencia viva que, además de los edificios, vehicula la transmisión de valores espirituales, como pueden ser el silencio creador, el trabajo y la oración o la apertura a la transcendencia que se desarrollan en el contexto de una vida en comunidad, al mismo tiempo que los conjuntos conventuales aportan toda una serie de valores histórico-artísticos, sociales y antropológicos que se prolongan en el tiempo a través de ritos, costumbres y hábitos mantenidos a lo largo de su historia².

Desse modo, pode-se entender a antiga Estação Ferroviária Central e suas relações com o cotidiano, a sociedade e seu entorno. Sua reutilização adaptativa – integrada ao sistema de transporte e conectada às dinâmicas da cidade – evidencia a importância de pensar o patrimônio como vetor de desenvolvimento humano e urbano. Mais do que um museu de objetos, os ambientes afirmam-se como espaços de encontro, de educação, de memória e de transformação social a reiterar o valor do trabalho humano como patrimônio vivo e parte da compreensão humana, do outro e de si próprio.

Nesse sentido, uma articulação entre preservação patrimonial, práticas museológicas inclusivas e sustentabilidade cultural torna-se desejável e viável no contexto das cidades contemporâneas. Outrossim, constitui-se um exemplo exitoso de como antigos espaços industriais podem ser ressignificados por meio de uma proposta museológica crítica e socialmente engajada, promovendo não apenas a conservação de bens culturais, mas também a dinamização urbana e o fortalecimento da cidadania. Ao mesmo tempo, revela-se que a gestão sustentável de equipamentos industriais em áreas urbanas e transformados em edifícios culturais exige, além de investimentos estruturais, também uma visão estratégica, um compromisso ético e a sensibilidade para o desenvolvimento de um diálogo intercultural e intergeracional (Mas Ibáñez; Sabaté Bel, 2013).

Tem-se, ainda, que o reconhecimento dos ofícios populares, das técnicas artesanais e das memórias do trabalho amplia o conceito de patrimônio, integrando sujeitos e

² “O patrimônio material e imaterial, móvel e imóvel, constitui, em seu conjunto, uma herança viva que, para além das edificações, veicula a transmissão de valores espirituais – tais como o silêncio criador, o trabalho e a oração, ou a abertura à transcendência que se desenvolvem no contexto de uma vida em comunidade, ao mesmo tempo que os conjuntos conventuais aportam uma série de valores histórico-artísticos, sociais e antropológicos que se prolongam no tempo por meio de ritos, costumes e hábitos preservados ao longo de sua história” (tradução do autor).

práticas historicamente desprestigiados e até marginalizados. A experiência do MAO representa, portanto, uma referência concreta de integração entre experiências privadas e políticas públicas voltada à conservação integrada do patrimônio industrial e à promoção da justiça social e cultural. A trajetória das ações educacionais realizadas propicia reflexões sobre o papel transformador dos museus no contexto urbano, especialmente em questões marcadas pela multiplicidade de visão do mundo do trabalho e das realidades locais, regionais e nacionais. Incluem-se nesse contexto os questionamentos definidos de acordo com elementos urbanos e culturais permeados por questões históricas e dinâmicas sociais. Nesse sentido, os objetivos e a atuação desse equipamento museal reafirmam a centralidade da cultura no desenvolvimento sustentável segundo as diretrizes apresentadas por diferentes instituições. Conforme defendido por organismos internacionais como a Unesco (2023, grifo do autor), uma proposta de reconhecimento de objetos e coleções, particularmente relacionados ao patrimônio industrial, ocorre:

[...] por meio da valorização da importância dos *sítios patrimoniais e museus*, como locais de troca e conhecimento que podem permitir uma melhor compreensão da identidade cultural e da diversidade cultural, além de levar à apropriação, salvaguarda e transmissão de valores, identidades e memórias culturais e patrimoniais, que podem ajudar a recuperar a autoconfiança e a unidade.

Por tudo isso, projeta-se um modelo de equipamento cultural em permanente adaptação, segundo as variáveis socioculturais de seu entorno, que o moldam e o renovam, em consonância com as políticas culturais e com as perspectivas definidas para as instituições museais – não somente no Brasil, mas também em outros países latinos, americanos ou mesmo europeus.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei n.º 11.483, de 31 de maio de 2007. Dispõe sobre a revitalização do setor ferroviário, a transferência de bens da extinta RFFSA e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 1 jun. 2007.

BRASIL. Portaria n.º 407, de 10 de dezembro de 2010. Estabelece diretrizes e procedimentos para identificação, proteção e gestão dos bens ferroviários inventariados da extinta RFFSA. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 13 dez. 2010.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Unesp, 2001.

FELIÚ-TORRAS, Asunción. Recuperación del patrimonio industrial en Cataluña. In: GUTIÉRREZ, Ramón *et al.* (coord.). **Preservación de la arquitectura industrial en Iberoamérica y España**. Granada: Cedodal; Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico, 2001. p. 213-221.

HAWKES, Jon. **The fourth pillar of sustainability: culture's essential role in public planning**. Melbourne: Cultural Development Network, 2001. Disponível em: [https://www.culturaldevelopment.net.au/community/Downloads/HawkesJon\(2001\)TheFourthPillarOfSustainability.pdf](https://www.culturaldevelopment.net.au/community/Downloads/HawkesJon(2001)TheFourthPillarOfSustainability.pdf). Acesso em: 6 jul. 2025.

IBÁÑEZ, Ignacio González-Varas. Buenas prácticas para la conservación y revitalización del patrimonio conventual de Toledo. **Revista PH**, Sevilla: Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico, n. 104, p. 308-323, 2021.

IEPHA/MG – INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS. **Guia de bens tombados IEPHA/MG**. Belo Horizonte: IEPHA/MG, 2014.

KÜHL, Beatriz Mugayar. **Preservação do patrimônio arquitetônico da industrialização: problemas teóricos de restauro**. 2. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2018.

MAO – MUSEU DE ARTES E OFÍCIOS. **Cadernos de ofícios**. Belo Horizonte: MAO, 2008.

MAO – MUSEU DE ARTES E OFÍCIOS. **Catálogo**. São Paulo: Instituto Cultural J. Safrá, 2019.

MAO – MUSEU DE ARTES E OFÍCIOS. **Guia do educador**. Belo Horizonte: SESI/FIEMG, 2024.

MARTÍN, Antonio Lista. Sobre metodologías de planeamiento territorial en ámbitos patrimoniales industriales. In: ÁLVARES ARECES, Miguel Ángel (coord.). **Didáctica e interpretación del patrimonio industrial**. Gijón: Cicees, 2005. p. 97-105.

MAS IBÁÑEZ, Sara; SABATÉ BEL, Joaquín. Gestión del patrimonio industrial en la renovación de la ciudad: la experiencia de Terrassa 1959-2011. **ACE: Architecture, City and Environment**, Barcelona, v. 7, n. 21, p. 11-36, 2013.

RODRIGUES DA SILVA, Ronaldo André. De álbuns de figurinhas à memória da sociedade: seria possível uma educação patrimonial? In: MESTRES E CONSELHEIROS: OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL, 6., 2014, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: UFMG/IEDS, 2014.

RODRIGUES DA SILVA, Ronaldo André. Museus, patrimônio cultural e covid-19: reflexões em relação às boas e “novas” práticas e o patrimônio industrial. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v. 14, n. 27, p. 85-114, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/Memoria/article/view/23242>. Acesso em: 26 ago. 2025.

RODRIGUES DA SILVA, Ronaldo André. O patrimônio industrial no Brasil no século XXI: um estudo bibliométrico do estado da arte. **Labor e Engenho**, Campinas, v. 13, e019010, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/labore.v13i0.8655823>. Acesso em: 26 ago. 2025.

RODRIGUES DA SILVA, Ronaldo André; LOPES CORDEIRO, José Manuel. Reflexões acerca do conceito de patrimônio cultural sob a ótica do patrimônio industrial e da arqueologia industrial. **Faces da História**, Assis, v. 4, n. 1, p. 7-29, 2017. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/facesdahistoria/article/view/402>. Acesso em: 26 ago. 2025.

SIMAL, Julián Sobrino. Planeando por entre los paisajes históricos de la producción: el retorno al territorio. *In*: SCHICCHI, Maria Cristina da Silva *et al.* (org.). **Paisagens históricas da produção na Ibero-América: cultura, patrimônio e infraestrutura no território**. Campinas: Splendit PUC-Campinas; Cultura Acadêmica, 2024. p. 47-59.

TICCIH – THE INTERNATIONAL COMMITTEE FOR THE CONSERVATION OF THE INDUSTRIAL HERITAGE. **The Nizhny Tagil Charter for the Industrial Heritage**. Moscou: The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage, 2003. Disponível em: <https://ticcih.org/wp-content/uploads/2013/04/NTagilCharter.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2025.

UNESCO – UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION. **Inter-Agency Platform on Culture for Sustainable Development: proposed terms of reference**. Paris: Unesco Publishing, 2023. Disponível em: https://www.unesco.org/sites/default/files/medias/fichiers/2023/02/final_updated_ipcsd_terms_of_reference_and_expected_outcomes_3_november.pdf. Acesso em: 28 ago. 2025.